

# A ESPERANÇA COSTURADA NO TEMPO: TEOLOGIA DA HISTÓRIA NO CRISTIANISMO DO SEGUNDO SÉCULO

Em 1965, quando as cinzas da Segunda Guerra ainda turvavam o céu europeu com seu silêncio espectral, emergiu de Nápoles um livro que tratava de outra guerra — a travada nos corações e consciências dos primeiros cristãos contra o caos do tempo e a vertigem da história. A obra em questão, *La teologia della storia nel pensiero cristiano del secondo secolo*, de G. Jossa, nasceu numa cidade marcada por séculos de fé, terremotos e esperanças. Ela desvela uma questão que não é apenas acadêmica: como os cristãos do segundo século, sem o poder imperial, sem templos monumentais, sem sequer o reconhecimento civil, ousaram pensar que a história — sim, a própria história — estava sob a condução de Deus?

Talvez fosse uma loucura. Talvez uma forma de sobrevivência espiritual.

A teologia da história para aqueles primeiros cristãos era como um tear invisível onde se entrelaçavam o sofrimento presente e a promessa futura. Não era, como seria em Hegel ou mesmo em Bossuet, uma narrativa triunfante do Espírito ou da Providência marchando através dos séculos. Era antes uma resistência silenciosa. Para homens como Justino Mártil, Irineu de Lyon ou Teófilo de Antioquia, a história não era um palco de glória humana, mas um campo de provação. Deus agia — mas de forma velada, através de mártires, perseguições, gestos de fé e, sobretudo, através da memória.

É isso que Jossa percebe com elegância. A fé cristã nascente não esperava uma redenção imanente, mas escatológica. Ela via os impérios ruírem, as cidades caírem, e os corpos dos crentes se queimarem — mas continuava a afirmar que o tempo caminhava para um fim redentor. Um fim que seria começo.

Essa visão — tão distinta da história cíclica dos estoicos ou da indiferença cósmica dos epicuristas — fez do tempo cristão uma flecha, não um círculo. A Criação, a Encarnação, a Ressurreição e o Juízo formam um arco narrativo. Mesmo nos becos escuros do Império Romano, os cristãos ousavam dizer que a história tinha sentido. E esse sentido era o Cristo.

Jossa, ao escrever sua obra naquele fervilhante 1965 — ano do encerramento do Concílio Vaticano II — fazia, talvez sem o saber, uma ponte. De um lado, os cristãos perseguidos do segundo século. Do outro, os cristãos modernos, agora à frente de catedrais e universidades, mas perdidos no relativismo e na tecnocracia. O que

ambos têm em comum é a pergunta: há um sentido último? Ou o tempo é apenas repetição e entropia?

A teologia da história cristã, no segundo século, é um ato de fé, mas também de coragem. É afirmar que cada instante carrega uma semente de eternidade. Que o martírio não é derrota, mas semeadura. Que o Logos, razão divina encarnada, não apenas criou o mundo — mas o conduz, mesmo quando o mundo parece desabar.

Na Nápoles de Jossa, marcada por tradições populares e ruínas greco-romanas, a pergunta sobre o tempo não era abstrata. Como pode um povo manter a esperança entre ruínas? A resposta, talvez, esteja nos antigos: porque crer que Deus guia a história é confiar que até o sofrimento pode ser redimido.

E talvez seja disso que precisamos hoje — de uma teologia da história que não nos dê certezas, mas confiança. Que nos ensine, como os primeiros cristãos, a olhar o tempo não como inimigo, mas como promessa. E que faça de cada instante — mesmo este em que você lê estas linhas — uma antecipação do eterno.